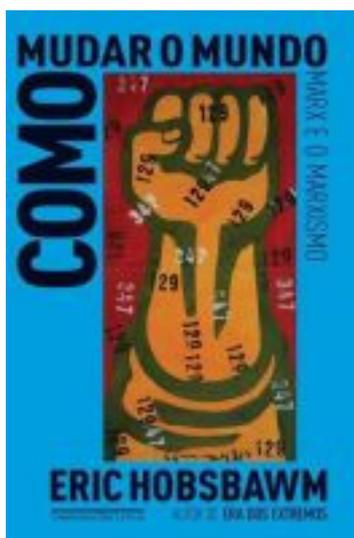


RESENHA

HOBBSBAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011*. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 490p.

O legado marxista de Hobsbawm

FRANCISCO XARÃO*



Eric Hobsbawm nos deixou em outubro de 2012, no mesmo mês da Revolução Russa que ele aplaudiu e depois tanto criticou, após a ascensão do stalinismo. Antes, em 2011, aos 94 anos, publicou seu último trabalho que permanecerá entre nós como um testamento a lembrar, sempre, que *outro mundo é possível*.

Em *Como mudar o mundo* (*How to change the world*) ele reuniu prefácios, artigos, conferências e ensaios para, sobretudo, prestar uma homenagem a Marx e reavaliar a recepção e desenvolvimento de seu pensamento, em especial, no que diz respeito à revolução. Cobrindo o período de 1956 a 2009, os textos compilados e organizados pelo próprio Hobsbawm têm como tema central os processos de transformações sociais ocorridos nos

séculos XIX e XX e a relação destes com o pensamento de Marx.

O pano de fundo a organizar sua intervenção, e que justifica o nome do livro, é a teoria da revolução. Contudo, se engana quem, ao estilo do melhor positivismo, pense que o título resume um livro de receitas de como fazer uma revolução. Nada mais estranho à escrita crítica e comprometida com as mudanças sociais de Hobsbawm do que algo desse jaez. O que o autor pretende, ao reeditar velhos textos e tornar público outros inéditos ou reescritos, é compreender, com a mesma obsessão que Marx sempre dedicou à questão, a interação entre os contextos históricos, as lutas sociais e o desenvolvimento de determinadas ideias. Por isso, ele faz um duro combate contra o que Bobbio (*Nem com Marx, nem contra Marx*, Ed. Unesp, 2006) nominou de “marxlatría” e “marxfobia”, ao refletir sobre as infindáveis polêmicas entre marxistas e não marxistas, que resumem a complexidade e profundidade do pensamento de Marx a uma disputa política e ideológica.

Em *Como mudar o mundo*, que está organizado em duas partes, sendo a primeira dedicada a avaliar o que Hobsbawm considera as obras mais influentes de Marx e Engels, como o *Manifesto do partido comunista*, os *Grundrisse* e *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, pode-se

acompanhar as condições históricas que explicam a passagem dos jovens hegelianos Marx e Engels de um idealismo ativo para uma cosmovisão dialético-materialista da história que produziu uma interpretação original da sociedade capitalista.

Hobsbawm se esforça para mostrar que a melhor defesa que se pode fazer de Marx (e também de Engels ou Lênin) é apresentar seu pensamento em seus próprios termos, sem disfarçar os defeitos ou exagerar no elogio das virtudes. Isso fica claro na primeira intervenção da coletânea, cujo título, “Marx hoje”, indica a atualidade do autor de *O capital*. O texto, que é o resultado de uma conferência pronunciada no início de março de 2007, por ocasião da Semana do Livro Judeu, em Londres, assinala que “o fim do marxismo oficial na União Soviética liberou Marx da identificação pública com o leninismo na teoria e com os regimes leninistas na prática. Ficou claríssimo que havia ainda muitas e boas razões para se levar em conta o que Marx tinha a dizer sobre o mundo” (Hobsbawm, 2011, p. 15).

Hoje, após a vitória avassaladora do capital sobre o trabalho em todo o mundo, estamos, paradoxalmente, em uma posição melhor para repensar criticamente a prática, a teoria e a história do movimento de emancipação social dos trabalhadores do que o cenário Pós-Segunda Guerra Mundial, no século XX. No entanto, insiste Hobsbawm, somente estaremos em condições de realizar essa tarefa se formos igualmente capazes de ouvir o próprio Marx. E essa escuta precisa ser feita sem a pretensão de encontrar o “verdadeiro Marx”, porque o que há de verdadeiro em Marx é ser uma obra aberta e inacabada. Assim, pondera ele, “Kautsky e inclusive Bernstein foram

herdeiros de Marx tanto (ou, se se preferir, tão pouco) como Plekhanov e Lênin” (Hobsbawm, 2011, p. 23).

A segunda parte do livro resgata a história do marxismo desde a década de 1890, após a morte de Engels. Seu artigo de abertura, “Dr. Marx e os críticos vitorianos”, publicado primeiramente em inglês, em 1957, é uma resposta contundente aos críticos de Marx e, por analogia, poderia ser entendido, pela sua republicação, como uma resposta aos próprios críticos de Hobsbawm. Uma das acusações mais comuns, repetida entre nós pela revista *Veja*, em outubro de 2012, por ocasião da notícia de sua morte, é que o grande historiador britânico padeceria de uma imperdoável cegueira ideológica, ao persistir na defesa da Revolução Russa. O que esses críticos não entenderam é que a condenação de Hobsbawm a uma forma degenerada do marxismo – o stalinismo – nunca se confundiu com a esperança da transformação social no rumo de uma sociedade superior ao capitalismo, donde sua defesa da Revolução Russa.

Suas análises do crescimento dos partidos sociais-democratas europeus, do combate ao fascismo e nazismo, entre a primeira e a segunda guerra, bem como da influência do pensamento marxiano na obra de vários intelectuais, denuncia uma simpatia, em especial, por um pensador marxista: Antonio Gramsci. A ele Hobsbawm dedica dois capítulos, com um inédito no qual assegura que o maior mérito do pensador italiano foi ter criado uma teoria marxista da política. São perceptíveis, no conjunto dos textos reunidos em *Como mudar o mundo*, os ecos dessa teoria.

O significado mais profundo da publicação de *Como mudar o mundo*, para seu autor, talvez pudesse ser

resumido no conteúdo do artigo “O marxismo em recessão, 1983-2000”, escrito especialmente para esta edição. Nele, faz um apanhado da erosão teórica e política do marxismo no século XX para concluir que seu ressurgimento, inesperado, para os ex-marxistas e seus inimigos eternos, no início do século XXI, é o prenúncio de que as análises de Marx, em particular sobre crise e revolução, se apresentam ainda hoje mais perspicazes do que aquelas enunciadas pelos apóstolos do livre mercado.

Portanto, ao contrário do que acusam os detratores de Hobsbawm, é justamente

seu compromisso com um pensamento revolucionário o que empresta sentido ao seu trabalho de historiador. Seu legado às futuras gerações de marxistas, contidas em sua última obra publicada em vida, e que, de certo modo, justifica seu título, expressa o alto grau de compreensão que ele alcançou da filosofia marxiana, pois, como essa, chegou à conclusão de que não basta compreender o mundo, é preciso transformá-lo.

*Recebido em 2013-08-05
Publicado em 2013-09-06*



* **FRANCISCO XARÃO** é Professor de Filosofia da Faculdade Cenecista de Osório – FACOS/RS. Doutor em Filosofia pela UNISINOS/RS.